

**colecta** | *antes de nos sentarmos*

A luz, Senhor, abandona a escuridão do mosto por um almude de escuridão antiga, de onde o rubro fundo retira o brilho incorruptível que canta nas falésias da vigília. A descida de Jerusalém será então esse lugar que, esquecido do corpo, dos seus frutos, e até da luz, retém uma faminta ondeação onde brama um tempo de escuta. Por Jesus, o Cristo, unidos pelo Espírito a vós, Deus vivo que nos amais pelos séculos dos séculos. Amen.

**oblatas** | *à mesa*

Chegámos a casa, Senhor, àquela casa a que vão quantos à Vossa sombra peregrinam: aquela abertura à vinha onde a luz, consecutivamente, sobretudo apaga os aros densos da solidão e o termos anoitecido em nós trabalha a paciência crucial do brilho: não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai? Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.

**final** | *já de pé, antes de sairmos*

E quando começa a declinar, consinta a luz, Senhor, que a eternidade se vá perdendo nessa atenção que, de lugar de intempérie, volve a tarde em insistência vulnerável. Possa Dezembro estudar já no almude a chama desse rubro de espuma a recobrir, sombrio, as paredes do vaso onde se espalma a flor da cintilação e da misericórdia. Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.